

PANDEMIA, CIÊNCIA, RESPOSTAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Após dois anos de crise sanitária em escala global, 2022 trouxe o retorno da vida cotidiana, ainda que marcada pelo trauma da doença e das mortes. Ainda buscamos, com alguma esperança e enfrentando cepas desconhecidas, reencontrar a “normalidade” graças às vacinas e aos protocolos de saúde. Seguimos assombrados pela COVID-19, mas com confiança na ciência. Mas a vida que renasce não esquece aquilo que passou e traz as marcas da pandemia. As práticas se reestabelecem com novas roupagens e adaptações, com frequência mediadas pelas tecnologias digitais. As aulas de Educação Física não ficam de fora, como vimos nos últimos anos.

No presente número dos *Cadernos* há um conjunto de experiências desenvolvidas entre 2020 e 2021 que têm a pandemia como substância das práticas, sejam elas nas escolas ou nos serviços de atendimento especializado. Abrimos com uma sequência de dois textos que relatam o trabalho de um programa de extensão da Universidade Federal da Bahia que promove atividade física para idosos, contextualizando esse fazer mediado por tecnologias digitais. Em seguida encontramos um trabalho de hidroterapia numa instituição de Educação Especial de Santa Catarina, ressignificado pelo contexto pandêmico. E encerrando o bloco de experiências remotas, há o relato de aulas sobre jogos, brinquedos e brincadeiras em uma escola da região metropolitana de Belo Horizonte, que teve a pipa como tema central da unidade didática em questão.

Por fim, apresentamos três textos que dialogam entre si, na medida que lidam com práticas corporais rítmico-expressivas. O primeiro trata de uma iniciativa com a cultura Hip Hop numa instituição de Educação Infantil de Vitória/ES, explorando distintas linguagens que compõem este movimento (Grafite, DJ, Rap, MC e o Break). O segundo tematiza a dança criativa como possibilidade para as aulas de Educação Física na escola, com intuito de explorar a criatividade e a criticidade. E, por fim, fechamos com uma experiência de ensino de dança no Ensino Médio, notadamente o forró e o brega, no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Pará.

O fim de ano se aproxima com mais uma onda de uma nova variante da doença, fazendo com que se retomem alguns protocolos e que se redobre a atenção e os cuidados. A vida segue e as/os professoras/es de Educação Física continuam desenvolvendo seu trabalho em meio a mais essa adversidade. Algumas respostas e possibilidades para as aulas e programas de atuação da área podem ser vistos nesse número. São um pequeno retrato das incontáveis boas práticas elaboradas e desenvolvidas pelas/os colegas no Brasil.

MICHELLE CARREIRÃO GONÇALVES

ALEXANDRE FERNANDEZ VAZ

RIO DE JANEIRO, FLORIANÓPOLIS, NOVEMBRO DE 2022